

**11º Congresso da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Regiões**  
**“O papel das universidades no desenvolvimento das regiões”**

**Título:**

Universidade e espaço urbano: o campus como lugar de lazer em Juiz de Fora – Brasil

**Autores:**

CARMO, Rogério A. (MSc.); COLCHETE FILHO, Antonio (DSc.) e MAYA-MONTEIRO, Patricia (MSc.)

**Instituição:**

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Brasil.

**Contato:**

UFJF. Faculdade de Engenharia. AUR – Campus universitário – JF/MG, Brasil. CEP: 36.036-330. Telefax: 55.32.3212.2743 e E-mail: [arqfilho@globocom.com](mailto:arqfilho@globocom.com)

**Resumo (15 linhas):**

O objetivo desse artigo é destacar o campus universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora, na zona da mata mineira, no Brasil, como um lugar para o lazer urbano da cidade. Juiz de Fora se desenvolveu no ciclo de industrialização há 155 anos atrás, e obteve grande crescimento apoiado no setor têxtil, sendo conhecida como a “Manchester mineira”. A universidade foi implantada num campus específico nos anos 1960, reunindo as diversas faculdades dispersas pela cidade. A criação do campus favoreceu o desenvolvimento da região e principalmente da cidade, fazendo de Juiz de Fora hoje cada vez mais um lugar com fortes características de cidade universitária, já que atrai um grande número de estudantes das regiões vizinhas. Com poucos espaços dedicados ao lazer, o campus que é bastante arborizado e possui áreas livres tornou-se uma opção consagrada de lazer na cidade. Se a convivência pacífica de usos próprios de um campus universitário com o lazer urbano é destacada como ponto positivo na integração da cidade com a universidade, a falta de infra-estrutura adequada voltada para o lazer no lugar não só empobrece e degrada o campus como indica uma revisão urgente dos lugares dedicados para o ócio urbano na cidade.

Palavras-chave: campus universitário; lazer urbano; cultura urbana.

## Introdução

Para uma compreensão do campus como um lugar de lazer, escolhemos apresentar o nosso estudo de caso utilizando três formas de abordagem do espaço, comuns às metodologias da área de Arquitetura e Urbanismo, e que são vistas em suas diferentes escalas: (1) a da paisagem – que analisa tanto a forma do lugar e a sua inserção na macro escala quanto as partes que compõem essa paisagem, com destaque para as espécies vegetais; (2) a da forma urbana – que analisa tanto o processo de produção do espaço como os elementos que configuram a forma urbana e o uso e (3) a daquela formada por diferentes elementos urbanos, como o mobiliário urbano, a microarquitetura etc., que são analisados para além de seu conteúdo funcional<sup>1</sup>.

Embora estas temáticas sejam desenvolvidas através de metodologias e análises específicas, há uma interação e complementaridade entre elas, com os processos e resultados sendo inter-relacionados<sup>2</sup>. Indica-se que esta articulação possa fundamentar o diagnóstico e o projeto de espaços. Vistas em conjunto, essas abordagens permitem traçar um quadro geral tanto do uso do espaço como do seu significado para os usuários. Permitem, ainda, relacionar o campus como lugar de conteúdos sociais e simbólicos fortes para a cidade e afirmar a sua importância como parque urbano, além de recuperar aspectos históricos que remontam parte do processo de criação do campus nos anos 1960.

O campus da UFJF foi fundado em 1969, no bairro Martelos, e fica a poucos quilômetros do centro da cidade, numa área com 1 milhão e 300 mil metros quadrados. Sua implantação, segundo paradigmas modernistas, resultou em uma área densamente arborizada, integrada por vias largas, na qual os prédios se apresentam dispersos. Sua área se destaca também como um parque urbano para a cidade, apresentando uma dimensão de áreas livres significativas para os seus habitantes. Deste modo, o campus tem exercido papel importante na oferta de lazer e cultura da cidade, fazendo com que a instituição,

---

<sup>1</sup> Essas categorias inspiram-se em diversos trabalhos consagrados na apreensão do espaço urbano como Lynch (1960) e Cullen (1983), em outros trabalhos que são revisões e ampliações metodológicas como Kohlsdorf (1995) e Del Rio (1990), além das dissertações de mestrado em urbanismo dos autores (Carmo, 1999; Colchete Filho, 1997 e Maya-Monteiro, 1998) que formam o núcleo de pesquisa LOCI – estudos do espaço e lugar.

<sup>2</sup> O trabalho aqui desenvolvido baseia-se em artigo apresentado em congresso de Engenharia Civil (Carmo, Colchete Filho e Maya-Monteiro, 2002) onde as três categorias de análise foram aprofundadas.

através de seu espaço físico, tenha não só um papel preponderante na difusão do conhecimento, mas uma interpenetração decisiva na vida cotidiana da cidade.

A adoção do campus da Universidade Federal de Juiz de Fora como objeto empírico de estudo principia do reconhecimento da relevância do campus no exercício de suas duas funções básicas: a de cidade universitária, lugar do conhecimento, e a de parque, lugar da natureza e do lazer urbano.

Segundo Rodrigues (2001, p.19), grande parte dos projetos de *campi* universitários no Brasil, apresentam-se segregados em relação às cidades onde se inserem, uma vez que quase sempre foram ou ainda são propostos como espaços independentes, com uma unidade morfológica distinta do urbano, que não estimulam a aproximação e interação entre pessoas, com riscos de se tornarem guetos, pois representam “um modelo de modernidade autoritária e segregante”.

As implantações de *campi* com dimensões urbanas aconteceram inicialmente nos Estados Unidos<sup>3</sup>. Nestes, edifícios com salas de aula, dormitórios, refeitórios, capelas e equipamento de lazer se distribuem em espaços livres que foram gradativamente valorizados. Assim, o campus, lugar do conhecimento, é um "campo", o lugar do contato com a paisagem natural.

Do mesmo modo, no Brasil, até meados do século XX, as instituições de ensino superior ocuparam edificações nos centros das maiores cidades, e sua arquitetura não se destacava das demais instituições educacionais existentes. A partir da década de 1930 ocorreu a implantação de universidades em todo país, como as Universidades Federais no Rio de Janeiro, Mato Grosso, Juiz de Fora e na Universidade de Brasília.

Observamos a aplicação de princípios da arquitetura e urbanismo modernistas, presentes na Carta de Atenas, para estas universidades. Esta propunha, entre outras diretrizes, um urbanismo no qual há zoneamento de funções, padronização das construções, isolamento das edificações. Na busca da qualidade de vida, a cidade deveria atender a quatro necessidades básicas: habitar, trabalhar, recrear (nas horas livres) e circular. Assim,

---

<sup>3</sup> A origem das Universidades remonta à Idade Média, onde a Universidade surge como corporação e vai assumindo o caráter de instituição escolar. Na cidade medieval a Universidade “não está apenas na cidade, como é da cidade”, o mosteiro é o monopólio do saber (Rodrigues, *op.cit.*, p.64).

as cidades universitárias se organizaram em função destas necessidades. No entanto no Brasil não há habitação, como é o caso da Universidade Federal de Juiz de Fora<sup>4</sup>.

Para Malta & Turkienicz (1984), especialistas em planejamento urbano, é fácil identificarmos as características básicas das universidades que surgiram nos anos 1960-70, assim como os problemas decorrentes de suas configurações urbanas. Resumidamente, são aspectos em comum entre os *campi*: setorização rígida das atividades; hierarquização viária; edifícios isolados e rodeados por muito verde; existência de praça central; territórios das universidades distantes dos centros e áreas mais densas das cidades, afim de um melhor aproveitamento de área e isolamento. Contudo, são problemas dessa configuração urbana: ausência de uma clara percepção dos edifícios e difícil orientação (só possível através de placas de sinalização); edificações isoladas, distantes uma das outras, dificultando a interação acadêmica; distância entre *campi* e cidade; limites dos *campi* muitas vezes não bem definidos, propiciando a invasão do território; falta de espaços apropriados para novas instalações acadêmicas e de pesquisa. Muitos desses aspectos e problemas são visíveis na UFJF e são abordados sinteticamente aqui.

No caso da UFJF, mesmo que a morfologia do espaço do campus baseie-se nos pressupostos modernistas que não favorecem essa articulação formal ou mesmo uma continuidade administrativa, pois o campus caracteriza-se como uma estrutura federal autônoma em relação à municipalidade, seu poder de atração como parque urbano para Juiz de Fora ultrapassa grande parte dos problemas espaciais criados com uma implantação dispersa dos prédios, característica dos modelos de *campi*<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> O projeto original do campus (1965) é do arquiteto Artur Arcuri que previu habitações estudantis. Para o partido viário o arquiteto procurou implantar um traçado de vias que a própria topografia do terreno sugeria. Evitou-se implantar, na área central, vias que ocupariam a parte plana do terreno, e os pedestres ficariam assim resguardados dos inconvenientes e perigos decorrentes de vias transversais, por isso ela é circundada por um anel viário que se ramifica para alcançar os platôs onde foram inseridos os setores de ensino (Arcuri, 1965). Após a primeira fase de implantação do campus, há uma segunda, de autoria de Nicolau Henrique Kleinsorger, que projetou a Faculdade de Engenharia e a Biblioteca Central. Depois, Cláudio Mafra projetou os prédios o CRITT, o CPD, a Faculdade de Educação e a Faculdade de Comunicação, anexos à Faculdade de Educação Física e ampliações do Instituto de Línguas. Podemos perceber claramente em ambas as propostas a intenção de se integrarem com o conjunto existente já estruturado pelo plano de Arcuri. Hoje, grande parte dos projetos de novos prédios fica a cargo da Prefeitura do campus. Recentemente (1999), foi organizado um concurso com a participação de alguns arquitetos convidados para a criação do Centro de Convivência, a ser construído junto à Biblioteca Central.

<sup>5</sup> Na tese de doutorado de Matos (1999) a autora investiga a concepção dos espaços físicos das universidades públicas em Portugal, recupera também significativa bibliografia e destaca o crescimento na construção em larga escala de *campi* no país após o 25 de abril.

No crescimento acelerado da cidade nos últimos vinte anos, o próprio campus se tornou uma referência importante para o fortalecimento do entorno urbano como área residencial, e ele mesmo um elo fundamental para a conexão das áreas norte e sul da cidade. Grande parte dessa conexão se faz também pelo uso do campus como lugar de lazer. Desta forma, cabe repassar brevemente os principais conceitos de lazer e articular essa função social com a cidade.

### **Lazer e espaço urbano**

Diversos são os estudos que procuram compreender o lazer hoje na sociedade contemporânea. Tal interesse manifesta-se em diferentes áreas do conhecimento, tanto a Sociologia, que investiga seus aspectos mais gerais e conceituais, até a educação Física, que procura formas de desenvolvimento qualitativo para esse setor. Em geral, há três formas consensuais de se definir o lazer (Parker, 1978): considerar as 24 horas do dia e subtrair o tempo dedicado ao trabalho, sono, alimentação etc., e o que sobrar, é o tempo de lazer; considerar não o tempo, mas a qualidade da atividade que alguém se dedica ao lazer e, por último, uma combinação das duas definições anteriores, que conjuguem um componente residual (ou de tempo) e uma afirmação normativa (sobre o que o lazer deveria ser).

Gaelzer (1979) apresenta de forma semelhante uma abordagem para o lazer, relacionando-o com o tempo, com um conjunto de atividades, mas, sobretudo, como uma atitude. Isso porque o lazer é de escolha pessoal, e o que pode ser lazer para alguns, para outros, é trabalho. A autora considera que todos são termos interdependentes, e define lazer como:

*“O bem-estar individual que condiciona uma oportunidade de auto-avaliação e aperfeiçoamento, desenvolvimento físico, mental e espiritual equilibrados (...) é a harmonia individual entre a atitude, o desenvolvimento integral e a disponibilidade de si mesmo – é um estado mental ativo associado a uma situação de liberdade, de habilidade e de prazer” (Gaelzer, op.cit., p.54).*

A autora, ainda, aborda como estudo de caso o campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pesquisando junto aos estudantes, quais são as melhores opções de lazer para os grupos, com vistas à criação de um programa de necessidades para as áreas livres e de recreação presentes no campus. A preocupação com o lazer é um tema central

em vários estudos, principalmente daqueles que vêm o centro urbano como local de moradia da imensa maioria da população. Diversos profissionais debruçam-se sobre as questões e possibilidades para a associação do lazer como um meio concreto de realização da tão almejada qualidade de vida<sup>6</sup>.

Para a área de Arquitetura, o tema suscita não só um novo e complexo rol de projetos, mas, sobretudo, na investigação dos impactos desses projetos no meio urbano. É notória a movimentação econômica em torno da construção de sedes para eventos esportivos como as Olimpíadas, torneios mundiais, que acirram a disputa entre cidades.

Outra temática de intervenção que vem crescendo em importância, é a de projetos que procuram requalificar a cidade. Além de usos comerciais, grande parte dos projetos baseia-se na oferta de lazer e entretenimento, mas em número menor daqueles voltados exclusivamente para o lazer público, como parques, por exemplo, o que permite concluir que a relação entre o custo do investimento em projetos dessa natureza e sua pouca possibilidade de exploração comercial limita a oferta de projetos públicos. Cabe às cidades, então, adaptarem-se a esse quadro. Naquelas cidades já servidas por uma rede de lazer, os problemas giram em torno da manutenção desses espaços. Naquelas onde a oferta é pequena ou pouco significativa, ou o lazer público se finda, ou adapta-se onde há condições e lugares mais favoráveis.

Assim, torna-se relevante pensar como os *campi* universitários, que, em geral, possuem grandes áreas livres públicas, podem ser analisados para se verificar o potencial desses espaços universitários como local para o lazer. As três categorias de análises apresentadas a seguir destacam algumas situações que permitem compreender melhor o porquê do fortalecimento do campus da Universidade Federal de Juiz de Fora como espaço de lazer para a cidade, indicando aspectos positivos e negativos no uso do campus com essa função.

## **A paisagem da cidade e do campus**

---

<sup>6</sup> Em Muller & DaCosta (2002) há uma série de artigos de diferentes profissionais que avaliam o lazer em seus respectivos campos de conhecimento, como a Educação Física, Geografia, Psicologia, o que ressalta o foco interdisciplinar do tema. Ver, ainda, AAVV(2000) que organiza diversos artigos de congresso mundial de lazer, com a presença de teóricos sociais importantes como Domenico de Masi, Saskia Sassen e Mike Featherstone.

Para situar o campus da UFJF no contexto urbano em que se insere, um dos aspectos primordiais é compreender o campus como um elemento de composição da paisagem da cidade. Assim, cabe repassar alguns conceitos, já que o termo paisagem comporta uma série de acepções conceituais de caráter social, cultural, geográfico ou histórico. De acordo com Galender (1986, p.25), a paisagem é um produto resultante da articulação dos processos naturais com as condições sócio-econômicas e culturais de cada região. Isto constitui uma reflexão sobre o desenvolvimento do domínio do homem sobre a natureza, nos seus aspectos funcionais, técnicos e estéticos e também sobre a resposta da natureza a esse domínio. Segundo a autora, "a paisagem atual das cidades reflete o confronto entre as diversas instâncias que estruturam a sociedade, expondo as contradições e desequilíbrios sucessivos, gerando a aparente sensação de 'caos', de desordem". E Leite (1994, p.7) acrescenta que, "em certa medida, a paisagem é um reflexo da visão social do sistema produtivo e suas formas transformam-se ou desaparecem sempre que as teorias, filosofias ou necessidades que as criaram não são mais reais ou auto-evidentes".

È importante destacar que a paisagem não é um suporte neutro. Como afirma Tuan (1974, pp. 15-16), o Espaço transforma-se em Lugar a medida em que este desperta em nós algum tipo de emoção; logo, várias são as maneiras de se perceber tal espaço, e várias são também as influências que o meio, a cultura e a própria percepção individual de cada um exercem sobre o espaço. O conceito de Lugar é, portanto, um núcleo de valores que atraem ou repelem em graus variados os indivíduos ou os grupos, mas que de alguma forma, despertam nestes, alguma qualidade de emoção.

Assim, o conjunto formado por esses diversos processos formadores da paisagem está associado às características físicas da cidade. Juiz de Fora se localiza no Sudeste do estado de Minas Gerais, Zona da Mata Mineira, configurando-se como uma cidade de porte médio com uma população de quase 500 mil habitantes. O clima tropical, com umidade abundante, permite afirmar que há duas estações bem definidas ao longo do ano: uma, que vai de outubro a abril, com temperaturas mais elevadas e maiores precipitações pluviométricas, e outra de maio a setembro, mais fria e com menor presença de chuvas. A temperatura é inconstante, de 30°C à 15°C, podendo ainda ter variações bruscas no mesmo dia.

Segundo o Plano Diretor da cidade (1996), Juiz de Fora possui um relevo acidentado e elevado, com aspecto serrano, cuja altitude é de 678 metros acima do nível do mar e o ponto culminante localizado na Serra da Saudade (1082 m de altitude). O campus fica aproximadamente no ponto médio desses extremos, o que lhe garante uma posição geográfica privilegiada dentro da malha da cidade.

A paisagem urbana geral da cidade caracteriza-se pelo entorno de morros e pela ocupação do vale situado às margens do rio Paraibuna. Alguns elementos configuradores desta paisagem destacam-se mais que outros, como é o caso do Morro do Imperador, que é um monumento natural e de grande destaque na paisagem da cidade. Essa relação é ainda reforçada pela presença do monumento conhecido como Cristo Redentor e das antenas de telecomunicações. O local possui um mirante que é também ponto de observação da cidade.

Juiz de Fora, entretanto, não conta com reservas hídricas que possam trazer contribuições relevantes para a configuração de sua paisagem, e acaba por constituir uma carência a ausência do elemento água dentro da malha urbana. Além da presença do Rio Paraibuna ao longo da área central, a água só é encontrada em lagos, como o do Parque da Lajinha e no próprio campus da UFJF ou sob a forma de represas, como a de São Pedro e a de João Penido.

O ecossistema local é formado por grande variedade de espécies, sendo a flora extremamente rica. No perímetro urbano, as áreas de floresta foram quase totalmente dizimadas, não havendo quase vestígio algum das matas remanescentes. Da Zona da Mata (nome dado para a região por apresentar um predomínio de revestimento natural de mata), sobraram apenas manchas de florestas secundárias, como a Mata do Krambeck, a Reserva do Poço D'Antas e o Parque da Lajinha.

Como é comum na maior parte das cidades, observa-se que a maioria dos espaços livres não é configurada pela vegetação, mas pela massa construída dos prédios. Hoje, há no município uma oferta significativa de áreas verdes remanescentes, mas que não são exploradas como espaços de lazer para a cidade, o que acentua a importância do campus como uma área verde minimamente infra-estruturada que serve como parque para Juiz de Fora.

Desde a criação do campus, em que as primeiras imagens revelam quão inóspito era o lugar - sem a presença da vegetação, até os dias atuais, onde a alta densidade vegetal

modificou a compreensão do lugar e favoreceu o seu uso como parque, muita coisa mudou. Contudo, o suporte físico do campus é o mesmo. Esse se constitui de relevo acidentado que se assemelha, genericamente, a uma "concha", que possibilita certo isolamento visual. Em meio a uma ampla área central do campus, o observador não encontra muitas referências da malha da cidade. Essa sensação de espaço reservado é ainda mais evidenciada pelas duas guaritas em forma de portais, que demarcam dois momentos dessa paisagem e do lugar, uma espécie de entrada e saída. Nos pontos mais altos do campus estão as visadas mais privilegiadas, tanto da paisagem geral do campus, como de parte da cidade. O elemento água fica em área mais isolada, de passagem, em função da ausência de prédios em seu entorno imediato, o que reforça sua característica como um marco dessa paisagem<sup>7</sup>.

No entanto, é sabido que a introdução da vegetação propicia benefícios a um determinado espaço, que vão desde a proteção do solo e de cursos d'água até a amenização da temperatura e do ruído urbano. A espécie vegetal é um elemento que constrói a paisagem, ao mesmo tempo em que se trata de um ser vivo que se altera com o tempo. Num espaço cujo elemento estruturador é a vegetação, segundo Macedo (1994), as árvores e os arbustos são considerados "vedos" ou planos verticais, onde as árvores podem atuar na criação de planos horizontais como se fossem tetos e de planos verticais como se fossem paredes.

O campus da UFJF possui uma cobertura vegetal consistente que ocupa a quase totalidade da área do suporte natural. Isso, associado à massa vegetal e ao relevo, atribui a esta área verde da cidade uma situação privilegiada quanto à qualidade ambiental. Há uma grande diversidade de espécies vegetais, sendo a maioria delas constituída de espécies arbóreas perenes, que garantem uma massa vegetal densa e verde durante todo o ano, havendo também um grande número de árvores frutíferas que estão dispersas. As espécies arbustivas estão implantadas sempre próximas às edificações, servindo de moldura ao mesmo tempo em que propiciam uma aproximação com a escala humana.

A sazonalidade climatológica produz transformações na paisagem sentidas apenas nos extremos das estações, no inverno e no verão. Isto se traduz na paisagem pelas cores

---

<sup>7</sup> O lago abriga várias espécies de vida animal e vegetal, onde a fauna exerce importante função de controle biológico de insetos e vetores de doenças. O lago serve ainda para estudos da Faculdade de Biologia da própria Universidade, onde foi implantada uma estação submersa de coletas de dados.

que, durante quase todo o ano, contribuem para o embelezamento da paisagem local. Este é o caso roxo das quaresmeiras, dos rosas e lilases dos manacás, do laranja das espatódeas e dos flamboyants e do amarelo do fedegoso e das acácias. Essas espécies acabam sendo características do campo e tornam-se também marcos referenciais do espaço. Destacam-se, ainda, os pinheiros, que plantados em linha ao longo das vias, ordenam os percursos.

### **A forma e o uso urbanos**

Outra abordagem escolhida para a melhor compreensão de nosso objeto de estudo é aquela que analisa o campus como uma área urbana distinta - uma cidade universitária. Para remontarmos uma percepção do campus como um lugar distinto da cidade, recorreremos ao estudo de seus elementos urbanos principais, destacados pelos próprios usuários do campus, por meio de entrevistas<sup>8</sup>, além da análise de levantamentos no local e em mapas. Baseamo-nos na categorização feita por Lynch (*op.cit.*) que define os elementos urbanos principais como: *limites, marcos, vias, bairros, e nós*. Esses podem ser correlacionados no campus, a partir da adaptação e ampliação da metodologia original proposta por Lynch, de forma a incluir a percepção dos pesquisadores e do manejo com fontes de dados secundários. Assim, destacamos:

Os *limites* do campus são bem definidos. Apesar de não haver barreiras evidentes, além de cercas, não há registro de invasões, muito comum em outras universidades. O campus da UFJF apresenta ao longo de todo o seu perímetro os bairros Nossa Senhora de Fátima, Aeroporto, São Pedro, Dom Bosco e Cascatinha. Seu acesso é feito pela maioria das pessoas por meio de transporte público ou privado, devido à distância considerável do centro urbano e até mesmo à sua topografia e dimensões. Contudo, a existência de trilhas vem levando a uma maior conexão da área do campus com bairros vizinhos através dos limites da área.

A respeito das *vias*, o sistema viário no campus é composto por um anel central que interliga por meio de vias secundárias os prédios existentes. As dimensões da caixa de rolagem das vias, assim como a escala das edificações e a forma orgânica de seu traçado, contribuem ainda mais para a diferenciação entre a malha do campus e as da cidade.

---

<sup>8</sup> Foram realizadas entrevistas com usuários do campus, entre alunos, funcionários ou visitantes, em diferentes momentos do dia. Além de desenharem em mapa as referências que fazem do campus, respondiam a algumas perguntas de ordem informativa, como ocupação, idade, relação com o lugar etc.

Estabelecendo-se uma hierarquia foram identificados três tipos comuns de vias: a principal, as secundárias e as terciárias. A via principal (ou o chamado anel viário) atende a todos os usuários e passantes e 24 horas, sendo considerada como um importante eixo de ligação de bairros adjacentes. Caracteriza-se também como uma área com melhor iluminação, maior segurança e fluxo de pessoas, pois é aí que o campus é prioritariamente utilizado como espaço de lazer para caminhadas e corridas. Já as vias secundárias e terciárias são geralmente utilizadas por alunos, professores e funcionários de determinados centros acadêmicos. Nestas vias há um bom nível de iluminação e, para melhor segurança, algumas de suas passagens têm acesso interrompido em horários noturnos e fins de semana.

Os *marcos* são geralmente formados por aqueles locais mais centrais ou por prédios e elementos que servem de referência. Como o espaço do campus é bastante homogêneo e não há muitas distinções formais e comparativas entre os lugares ou prédios, são destacados os seguintes lugares: para os usuários, as áreas mais centrais do campus são aquelas constituídas pelos locais de maior fluxo, maior segurança, iluminação e onde se concentram grande parte dos marcos considerados, inclusive, dado pelo uso, como a biblioteca central ou o prédio da Odontologia, que servem à comunidade em geral, o que reforça o sentido do núcleo central como lugar de destaque não só na paisagem,, mas pelo uso intenso.

Assim como em qualquer cidade, o campus possui uma forma urbana delimitada, mas também com subdivisões internas. A exemplo da cidade, que é um espaço subdividido em "*bairros*" e por um centro urbano, com suas facilidades de serviços, comércio e lazer, podemos identificar essas diferenciações no campus, dadas pelos diferentes setores, com ênfase nos grandes núcleos: Biblioteca Central; Faculdade de Engenharia; Instituto de Ciências Exatas; Instituto de Ciências Biológicas; Instituto de Ciências Humanas e Letras; Prefeitura do campus; Faculdades de Odontologia e Medicina; Faculdades de Direito, Serviço Social etc. e Faculdade de Educação Física.

O grande *ponto nodal* do campus, sem dúvida, é formado pelo prédio da Biblioteca Central e os setores de apoio que fazem parte dele, como bancos, livraria e pró-reitorias. Duas grandes conexões se fazem presentes nesse núcleo central. Uma, é aquela em que há o acesso próximo ao prédio da Prefeitura, e outra, no acesso junto ao Instituto de Ciências Humanas e Letras. Nota-se que, embora permanecendo como ponto central, esse ponto nodal se mantém ativo pela presença importante das conexões que faz com o restante do

campus. Nos finais de semana ou durante a realização de eventos e lazer, comporta a concentração de pessoas com certa privacidade e segurança. O amplo espaço livre é utilizado desde a realização de formatura comunitária à exposição de carros antigos, com ênfase no lazer infantil.

Os espaços livres do campus da UFJF têm duas funções primordiais: promover a circulação, integrando as unidades, e também abrigar o lazer. Para estudar o valor desses espaços para os usuários, identificamos os usos e apropriações presentes nesses espaços. Com isso, pretendemos não só verificar atividades efetuadas nos espaços livres, mas também algumas relações afetivas e simbólicas estabelecidas pelos usuários com o campus. Estas relações dependem, sem dúvida, de processos mentais e dos estados psicológico e emocional de cada indivíduo com o meio ambiente, mas permitem a análise de alguns dados potenciais. Tomamos como base informações obtidas por meio de questionários, pesquisas de campo e pelas nossas próprias vivências cotidianas.

Como é sabido, nem sempre a configuração do espaço imposta pelo projeto implantado é determinante e definitiva para os usuários. No campus, isto pode ser verificado pelas diversas modificações que surgiram em decorrência das necessidades da instituição e dos usuários. Estas adaptações acontecem em pontos diversos do campus, tais como nos espaços ao ar livre onde o caráter público desses espaços permite integrações com outras atividades que não somente as institucionais. Há, ainda, a formação e a utilização de trilhas em diversos trechos gramados, as quais encurtam os caminhos formais, mas que são inacessíveis aos deficientes físicos. Destacamos que essas simples adaptações de uso devem ser consideradas como importantes sugestões de desenho urbano, pois decorrem de algumas insuficiências do espaço, gerando a procura de soluções para um bem estar individual e coletivo.

Assim, projetos para o campus devem conter em si o fator tempo, ou seja, a flexibilidade necessária para incorporar novas necessidades. Na medida do possível, são os ambientes construídos que devem se adaptar ao usuário imediato e não o contrário. Isso, aliás, ocorre em muitos espaços projetados sob os cânones modernistas. A disponibilidade de espaço muitas vezes torna-se um obstáculo aos pedestres, mesmo no campus da UFJF, que embora ainda seja desfavorecido pela condição topográfica, possui um anel central

plano que é bastante aglutinador de usos que dinamizam a vida diária no campus e significam uma importante área de lazer da cidade, uma, entre poucas existentes.

### **Os elementos urbanos**

O objetivo dessa parte da nossa investigação é o de apresentar a análise do campus por meio de um conjunto de elementos importantes para a formação da imagem e para a qualidade do espaço: o mobiliário urbano, a microarquitetura, os monumentos e arte pública.

Percebemos que o mobiliário urbano vem sendo substituído nesses dois últimos anos no campus, o que aponta para uma preocupação com a qualidade e o conforto do espaço na cidade universitária, como vem acontecendo com a própria cidade de Juiz de Fora. A arte pública, embora sendo outro elemento de destaque atual nas cidades, ainda não encontrou ressonância significativa de sua inserção nem em Juiz de Fora, nem no campus. Contudo, a análise desses elementos revela o que há de significativo para reflexão do acervo existente na cidade universitária, ultrapassando a compreensão desse tema para além do mero cumprimento de uma função urbana ou de decoração do espaço - como atuam em parte, mas como marcas significativas da preocupação dos órgãos responsáveis pela gestão do espaço e da relação dos usuários com o patrimônio público. Para melhor compreensão desse objetivo expomos nossa análise conceituando esse grande grupo como: "Mobiliário Urbano é a coleção de artefatos implantados no espaço público da cidade, de natureza utilitária ou de interesse urbanístico, paisagístico, simbólico ou cultural" (IBAM, 1996, p.11). Logo, o conjunto formado por esses elementos é bastante diversificado, incluindo placas de sinalização, bancos e até esculturas.

O tema mobiliário urbano revela-se de grande importância para a compreensão da imagem e para a qualidade do espaço público, já que se mostra determinante nos projetos de desenho urbano pela sua notória expressividade e representatividade junto aos usuários dos lugares onde é instalado, reforçando, assim, o elo de pertencimento entre o cidadão e o lugar. Sem dúvida, esse conjunto de elementos vem adquirindo uma importância cada vez maior em projetos e concursos para intervenção no espaço por ser sabido que a sua presença pode ser entendida para além da mera funcionalidade dos equipamentos, mas por

sua capacidade em representar o poder público no cumprimento de sua função governamental em atender bem ao cidadão no espaço urbano.

O mobiliário urbano pode ser entendido ainda como um elemento auxiliar à singularização dos mais diversos ambientes - tendo em sua forma o meio mais importante de emissão de informação para a realização desse conceito no espaço. O mobiliário urbano, então, além de cumprir suas diferentes funções no espaço e para o transeunte, atua como um elemento de informação adicional, que permite que as pessoas se orientem ou memorizem um lugar<sup>9</sup>.

Com o crescimento das cidades após a Revolução Industrial os marcos do passado como oratórios e pequenas fontes desapareceram para entrar em cena as luminárias, quiosques, bancos, abrigos e colunas de informações. A rua ganhou mais notoriedade do que a própria arquitetura como nas reformas de Paris, empreendidas por Haussmann, no século XIX. Em seguida, a ênfase se daria na produção de mobiliários em escala industrial, com uma preocupação com a unidade e com o estilo do mobiliário urbano<sup>10</sup>.

Verificamos que o mobiliário urbano, apesar de sempre presente na história das cidades, foi se tornar mais importante e mais visível nas ruas e praças a medida em que, desde o fim do século XIX, uma infinidade de novos elementos foi instalada para se garantir o conforto urbano. Hoje, cada vez mais o espaço público contemporâneo torna-se uma arena valorizada e disputada, requerendo que esse conjunto de elementos deixe de ser pensado separadamente sob o risco de comprometer a própria compreensão e sentido que o espaço público deve ter.

---

<sup>9</sup> Um dos primeiros registros do mobiliário urbano na história são os marcos delimitadores de terras, sejam entre bairros diferentes, entre terras divinas e civis, como na Mesopotâmia, ou como orientadores de percursos dos pedestres onde não havia calçadas constituídas. Em Roma, há uso intenso das fontes, vistas como exemplos da generosidade de príncipes ou de autoridades responsáveis pela distribuição de água. As fontes monumentais contavam ainda com o recurso da estatuária para glorificar a ação dos benfeitores da cidade (Carmona, 1985).

<sup>10</sup> Os elementos artísticos sempre estiveram presentes na história da cidade, principalmente os monumentos. Como nos explicam Merlim e Choay (*op.cit.*), está na raiz etimológica da palavra monumento a referência para a importância do termo: "monumentum"- em latim, que é derivado da palavra "monare": advertir, "repeller". Ou seja, significar o espaço. Freire (1997, p.58) reforça esta visão quando remete o significado de monumento à arte realizada no passado, "a um ausente ou a um fluxo de tempo passado que a peça, através de seus símbolos, pretende rememorar, eternizar". Hoje, a arte se insere na cidade também como uma possibilidade de estimular a participação do cidadão, embora a arte pública, entendida como arte, na acepção mais ampla, não teria uma função, é puramente arte, como nos ensina Theodor Adorno. A arte pública é um movimento que vem ganhando força nos últimos trinta anos, envolvendo diferentes manifestações artísticas que não seja necessariamente sob a forma de monumento (Remesar, 2000).

Embora Juiz de Fora se localize no eixo das manifestações políticas, sociais, culturais e econômicas do país como São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, esta posição de permanente contato com as vanguardas intelectuais brasileiras não refletiu para a cidade em uma preocupação direta com a valorização dos espaços públicos e de como estes interferem na vida da cidade, ou seja, de como podem ser qualificados melhor.

Recentemente, com o crescimento da cidade e do aparecimento de problemas urbanos como a escassez de transporte, congestionamentos, falta de áreas de lazer etc., a cidade procura orientar o seu crescimento e faz reformas pontuais na área central, inserindo novos mobiliários urbanos nos projetos, tanto em número maior, como com novo desenho. Dentro dessa política, há a intenção também de se valorizar alguns bustos e estátuas presentes em logradouros públicos através de tombamento<sup>11</sup>.

Dentre os principais exemplos de monumentos e esculturas na cidade podemos citar o monumento ao Cristo Redentor colocado sobre capela de alvenaria construída no chamado Morro do Imperador, de 1906, e o monumento às Forças Armadas Brasileiras (FAB), localizado na Praça do Riachuelo, que suscita muitas controvérsias. Em destaque, o monumento localizado na Praça da República, projetado por Artur Arcuri em comemoração ao centésimo aniversário de Juiz de Fora, o qual recebeu um mural de Di Cavalcanti e que, atualmente, foi reconhecido como um importante símbolo da cultura moderna, sendo tombado como patrimônio federal. Além destes, temos o painel "As Quatro Estações" - obra de Portinari, instalado em prédio comercial na avenida Rio Branco, principal eixo de circulação da cidade.

Numa visão geral da inserção de elementos artísticos no campus percebemos que esse tema se encontra numa situação secundária, seja por serem poucos, seja por serem pouco valorizados os existentes, numa relação simbiótica de causa e efeito. Outras universidades, como a USP, a UFMG ou a Universidade Politécnica de Valência na Espanha, para citarmos alguns exemplos, não só possuem um acervo significativo, como procuram cuidar e valorizar esse patrimônio, adquirindo novas peças ou promovendo eventos ligados ao seu acervo. O que representa esta categoria na UFJF são algumas placas

---

<sup>11</sup> Ver o recém publicado "Guia dos Bens Tombados de Juiz de Fora" (2002). A publicação relaciona também os bens tombados pelo processo e decretos do ano de 2000.

comemorativas e o monumento feito por ocasião da fundação da Universidade, localizado na entrada do Instituto de Ciências Biológicas - ICB.

Já na escala do mobiliário urbano, constatamos que houve recentemente uma preocupação em dotar o campus de novos abrigos de ônibus e lixeiras, além de postes de iluminação, tão importantes como estruturadores da paisagem e do espaço. As lixeiras instaladas, inclusive, procuram atender a uma preocupação ambiental, sendo projetada para separar diferentes tipos de lixo. Contudo, quando o mobiliário não atende às exigências funcionais e formais específicas do papel que irá desempenhar no espaço público podem vir, inclusive, a sofrer processos de degradação, como no caso de alguns equipamentos esportivos que impedem o uso do próprio espaço à medida que estão mal conservados. A degradação se não remediada, pode gerar um grau maior de desocupação e conseqüente perda potencial de uso nos espaços, contribuindo para fixar ainda uma imagem de descaso com o campus.

Um exemplo positivo de uso do espaço no campus é o anel em torno da Biblioteca Central, utilizado diariamente como pista de caminhada e corrida por um número significativo de habitantes da cidade. Isto forçou a instalação de mobiliários como postes informativos a respeito de exercícios físicos e banheiros públicos, embora funcionando precariamente.

Os exemplos utilizados para ilustrar a inserção dos elementos urbanos nas cidades e no campus procuram destacar o potencial que esses têm para a qualificação do ambiente urbano, seja por suas razões funcionais, racionais ou emocionais (Creus, 1996). Sendo assim, pensar em estratégias de valorização para o mobiliário urbano e/ou objetos artísticos na universidade é visar não apenas a sua requalificação no cotidiano de seus usuários, mas também a melhoria da qualidade do ambiente público, contribuindo, enfim, para que este espaço significativo da cidade seja ainda mais coeso e aumente o pertencimento do usuário com o espaço que efetivamente usufrui.

### **Considerações finais**

A área do campus da UFJF consolidou-se ao longo dos anos como um dos espaços livres mais importantes da cidade, desempenhando as categorias funcionais de um espaço urbano que é também formador da paisagem, sejam estas funções visuais, recreativas ou

ambientais. Caracterizada fisicamente como uma grande área verde dentro da malha urbana, exerce importante papel na identidade visual da cidade, não somente por sua paisagem peculiar, evidenciada pelo seu suporte natural, cujos atributos merecem destaque, como é o caso do próprio relevo ou até mesmo de sua significativa massa vegetal, mas, também, pela própria idéia de campus, cujas edificações foram dispostas em destaque em platôs que são interligados por um sistema viário próprio. A implantação de caráter modernista não comprometeu a adaptação do espaço para a descoberta de novas demandas, como o lazer, até mesmo porque esse se realiza de forma precária na cidade, embora hoje saibamos como o lazer pode ser um fator e um indicador de desenvolvimento, que carece quase sempre de políticas de intervenção mais abrangentes, sejam essas baseadas na criação de espaços ou na promoção de atividades nos espaços existentes (Marcellino, 2002).

Os principais problemas observados foram a presença de áreas não utilizadas, que se constituem em áreas descampadas, erodidas ou abandonadas que depreciam a paisagem. Verificamos que há a necessidade de se planejar globalmente o campus, estabelecendo diretrizes de ocupação que não comprometam a visualidade do conjunto edificado nem desmereça o alto valor ambiental característico de áreas densamente arborizadas.

A UFJF tem procurado atender às exigências para o funcionamento da universidade como parque, com a previsão de estruturas mínimas de ocupação, conforto e estética. Porém, é clara a importância de se integrar este sistema aos demais elementos e ao entorno, a fim de obtermos ambientes qualificados ao uso na sua forma mais plena.

A importância que o campus adquiriu para a cidade de Juiz de Fora, não somente como um meio gerador de atividade intelectual, mas também como um grande espaço livre público, faz necessário pensar a qualidade de seu ambiente através do mobiliário urbano e da arte pública instalados. A identificação do campus com a população da cidade através de elementos urbanos que remetam ao cotidiano e à história local podem se tornar um diferencial importante a partir do momento em que a população passa a freqüentar o campus e o tem como uma parte significativa da cidade, se tornando um lugar emblemático para o uso de elementos simbólicos e de cunho cultural.

Desta forma, a metodologia adotada para a compreensão da paisagem do campus como um espaço urbano da cidade de Juiz de Fora procura articular os três níveis de percepção que os usuários têm do espaço: do macro - da escala da paisagem, ao micro - dos

elementos urbanos de maior ou menor porte, passando por uma escala intermediária composta pelo desenho do espaço propriamente, seja este urbano ou arquitetônico. A compreensão desses diferentes enfoques, em conjunto com a pesquisa junto aos usuários, fornece um valioso diagnóstico para o maior acerto em qualquer intervenção, pois associa os impactos negativos que essas possam gerar, ao mesmo tempo, que, potencializa o efeito multiplicador positivo de se pensar o conjunto como indissociável.

## **Referências**

- AAVV. *Lazer numa sociedade globalizada / Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC / WLRA, 2000.
- ARCURI, A. *Memorial justificativo para o campus da UFJF*. Juiz de Fora: Prefeitura do campus da UFJF, 1965.
- CARMO, R. *A experiência imaginária da paisagem e o gesto projetual na cidade de Ouro Preto*. Dissertação de Mestrado em Urbanismo. Rio de Janeiro: PROURB/FAU/UFRJ, 1999.
- CARMO, R.; COLCHETE FILHO, A. & MAYA-MONTEIRO, P. Três formas de compreensão da paisagem: o campus da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG como espaço urbano. In: *V Congresso de Engenharia Civil*. Juiz de Fora: 2002 [CD-Rom], pp.1-13.
- CARMONA, M. *Le mobilier urbaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.
- COLCHETE FILHO, A. *Estudo sobre o mobiliário urbano no Rio de Janeiro: a experiência do Projeto Rio Cidade Leblon e Vila Isabel*. Dissertação de Mestrado em Urbanismo. Rio de Janeiro: PROURB/FAU/UFRJ, 1997.
- CREUS, M. Espacios, muebles y elementos urbanos. In: SERRA, J. (org.). *Elementos urbanos: mobiliário y microarquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 1996, pp. 6-13.
- CULLEN, G. *Paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70, 1983 [1959].
- FREIRE, C. *Além dos mapas, os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: Annablume, 1997.
- GAEZLER, L. *Lazer. Benção ou maldição?* Porto Alegre: Ed.Sulina, 1979.
- GALENDER, F. Desenho da paisagem e apropriação do meio ambiente. In: MACEDO, S. *Paisagem e ambiente. Ensaios*. São Paulo: FAUUSP, 1994.

- GUIA dos bens tombados em Juiz de Fora. Coleção Páginas Amarelas. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2002.
- IBAM. *Manual para implantação de mobiliário urbano na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBAM/CPU/PCRJ, 1996.
- LEITE, A. *Destruição ou desconstrução: questões da paisagem e tendências de regionalização*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, [1960].
- MACEDO, S. *Paisagem e ambiente. Ensaio*. São Paulo: FAUUSP, 1994.
- MALTA, M. & TURKIENICZ, B. (eds.). *Anais do II SEDUR*. São Paulo: Ed.PINI, 1984.
- MARCELLINO, N. Lazer como fator e indicador de desenvolvimento regional. In: MULLER, A. & DaCOSTA, L. (orgs.). *Lazer e desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002, pp.41-82.
- MATOS, M. *As cidades e os campi. Contributo para o estudo dos territórios universitários em Portugal*. Tese de doutorado em Engenharia do Território. Lisboa: IST/UTL, 1999.
- MAYA-MONTEIRO, P. *Espaços livres públicos de São Cristóvão: padrões espaciais e sociais*. Dissertação de Mestrado em Urbanismo. Rio de Janeiro: PROURB/FAU/UFRJ, 1998.
- MERLIN, P. & CHOAY, F. *Dictionnaire de l'urbanisme et aménagement*. Paris: PUF, 1988.
- MULLER, A. & DaCOSTA, L. (orgs.). *Lazer e desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- PARKER, S. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- PREFEITURA DA CIDADE DE JUIZ DE FORA. Instituto de Pesquisa e Planejamento de Juiz de Fora. *Diagnóstico do plano diretor de desenvolvimento urbano*. Juiz de Fora: 1996.
- REMESAR, A. Waterfront, arte pública e cidadania. In: BRANDÃO, P. & REMESAR, A. (orgs.). *Espaço público e a interdisciplinaridade /Espacio publico y la interdisciplinaridad*. Lisboa: Centro Português de Design, 2000.
- RODRIGUES, L. *Universidade e a fantasia moderna: a falácia de um modelo espacial único*. Niterói: EdUFF, 2001.
- TUAN, Y. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1974.